

**LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES****Depois que a banda passou:** memórias sobre a Banda Marcial da Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPEL) e a conquista do tricampeonato estadual de bandas em 1970

After the band has passed: memories about the Martial Band of Pelotas Federal Technical School (ETFPEL) and the conquest of the third state championship of bands in 1970

Rafael de Souza Velasco¹, Rafael Montoito², Cristhianny Barreiro³

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar uma narrativa da extinta Banda Marcial da antiga Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPEL), tendo como eixo central a conquista do Tricampeonato Estadual de Bandas Marciais, em 1970. Foram entrevistados quatro membros da antiga Banda, cujas entrevistas ajudaram-nos a entender como se dava o processo de pertencimento da Banda nas décadas de 60 e 70. Na composição teórica da pesquisa, utilizamos a História Oral e a Fotografia como fonte histórica como método de coleta de dados, além dos estudos de documentos relativos à história da banda; posteriormente, a Análise de Conteúdo foi utilizada como técnica analítica para as entrevistas transcritas. As narrativas dos ex-membros da Banda evidenciam que eles mantêm um forte vínculo afetivo entre si e com a instituição até os dias atuais, o que nos permite entender a potencialidade do ambiente da Banda para além de apenas uma atividade atinente ao ensino da música.

Palavras-chave: Banda Marcial; Escola Técnica Federal de Pelotas; juventude.

ABSTRACT

This article aims to present a narrative of the extinct Martial Band of the former Federal Technical School of Pelotas (ETFPEL), which has as its central axis the conquest of the Third State Championship of Martial Bands in 1970. Four members of the former Band were interviewed, and those interviews helped us to understand how the Band's belonging process took place in the 60's and 70's. In the theoretical composition of the research, we used Oral History and Photography as a historical source and as a method of data collection, in addition to document studies related to the band's history; furthermore, the Content Analysis was used as an analytical technique for transcribed interviews. The former Band members narratives showed that they maintain a strong affective connection between themselves and the institution until current days, which allows us to understand the potential of the Band's environment beyond just an activity related to music teaching.

Keywords: Martial Band; Pelotas Federal Technical School; youth.

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul, Câmpus Pelotas/RS - Brasil. E-mail: rafaelvelasco_rs@yahoo.com.br

² Idem. E-mail: xmontoito@gmail.com

³ Idem. E-mail: crisbbarreiro@gmail.com



1. INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta parte de uma dissertação que teve como principal objetivo construir uma história da Banda Marcial da antiga Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPEL)⁴, a partir de entrevistas com seus ex-integrantes, visando ampliar a compreensão acerca das relações que estes estabeleciam com a Banda, com a música e com a instituição.

Assim, convidados para participarem da nossa pesquisa como entrevistados, quatro ex-integrantes da antiga banda marcial da ETFPEL, foram deixados livres para discorrerem sobre suas lembranças, a partir das quais nos propusemos a entender como se dava o processo de integração da Banda na época pesquisada (décadas de 1960 e 1970). A pesquisa gerou um produto educacional: um livreto contendo um conjunto de fotos e as transcrições das entrevistas, o qual passou a integrar o acervo histórico da instituição, localizado na sala do Memorial CEFET (IFSul, câmpus Pelotas), a serviço de outros pesquisadores que se interessem pelo tema.

No papel de pesquisadores em educação, despertava-nos interesse o fato de que a banda marcial da antiga ETFPEL possui, até hoje, anos após sua extinção, uma aura de adoração entre os funcionários mais antigos da instituição, além de permanecer presente no imaginário da cidade de Pelotas, devido aos desfiles que fazia e aos títulos que conquistou. Apesar disso, não havia nenhuma pesquisa acadêmica sobre a Banda que, organizada dentro de uma instituição de ensino, pudesse responder à nossa pergunta de pesquisa: “Como as recordações dos ex-membros da Banda Marcial ETFPEL podem nos ajudar a conhecê-la melhor e a escrever uma narrativa sobre ela?” É a busca por esta resposta que norteou todo o fazer da pesquisa.

O Possante, mascote da Escola Técnica, que popularmente emprestava seu nome à Banda Marcial, era presença garantida em tudo o que dizia respeito à imagem da agremiação. Quando perguntado o porquê do uso da imagem do Possante, um de nossos entrevistados explica

[...] é o nome popular do Super Mouse⁵ [...], a história mostra que quando tinha um conflito, qualquer coisa que não conseguia resolver, uma briga de trânsito, quem é que chamavam? O Super Mouse [...] Ele

⁴ Antes de ser federal, houve um período em que a escola era chamada de Escola Técnica de Pelotas, motivo pelo qual alguns entrevistados se referem a ela apenas como ETP. A banda existiu até 2004, quando a ETFPEL já havia se transformado em Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET), cuja unidade se transformaria para Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), tal qual é hoje.

⁵ Mighty Mouse (*Super Mouse* ou *Possante* no Brasil) é o nome de um *super-herói* de *desenho animado* infantil criado pela *Terrytoons* para a *20th Century Fox*. O personagem, um camundongo antropomórfico que é um super-herói aos moldes do Super-Homem, teve suas aventuras exibidas no cinema e depois na televisão, entre os anos 1944 e 1961; posteriormente outro estúdio, o *Filmation*, produziu novos episódios para a TV, entre o final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980. (Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Super_Mouse . Acesso em: 05 nov. 2020).



vinha, resolvia o problema e voava, desaparecia. Ele é da mesma linha do Batman. Tanto é que o nosso tem uma capinha. (RENCK, 2020, p.35).

Colocados lado a lado, a declaração de Renck e as aventuras do Super Mouse permitem-nos interpretar a escolha da sua figura para mascote como uma representação de força e virilidade heroicas que agia para o bem e desaparecia tão logo concluída sua missão, tal qual a Banda que, após divertir e emocionar quem a via desfilar, recolhia-se novamente ao pavilhão da ETP.

No aniversário de 10 anos de fundação da Banda, foi instituído um concurso para escolher seu logotipo, o que daria melhor identidade visual aos seus partícipes. Venceu o *Possante Bumbeiro*, ilustração que acompanhou os instrumentos, as bandeiras e os uniformes, ao longo dos anos.

Figura 1 - Nova logomarca da Banda Marcial, em comemoração aos seus 10 anos.



Fonte: Arquivo Permanente IFSul.

A Banda durou de 1962 até 2004, passando por distintas composições e estilos. Muitos seriam os pontos sobre os quais poderíamos falar neste texto, resgatados das memórias dos entrevistados, tais como o cuidado na criação e manutenção dos uniformes, os diversos profissionais que atuavam nos pequenos detalhes que fazia a Banda funcionar⁶ e o papel relegado às mulheres, que somente a partir do ano 1974 começaram a ser admitidas como parte dos desfiles cívicos, em um pelotão exclusivamente feminino.

A maioria destes pontos não emerge do material que está à disposição atualmente no Acervo Histórico Permanente⁷, razão pela qual se optou por

⁶ Vários funcionários envolveram-se direta ou indiretamente com a Banda durante sua existência. Alguns que podem ser citados: Tecló Morales, alfaiate que confeccionou não só os uniformes para a Banda como também as flâmulas e até os estojos para acondicionar os instrumentos no maquinário da própria instituição; Lizarbe Real, professora que desenhou os uniformes etc.

⁷ O Acervo é uma parte da instituição que visa a guardar os itens considerados importantes para a memória da mesma. Ele é dividido em duas partes: o Arquivo Permanente (recortes de jornal; boletins acadêmicos; informações administrativas etc.) e o Memorial CEFET (Fotos catalogadas; uniformes antigos;



incorporar as entrevistas à pesquisa, pois entendemos as mesmas como um tipo de fonte que traz elementos agregadores para a escrita de uma historiografia. A partir delas, conhecemos pessoas, fazeres e sentimentos que não haviam sido, até então, documentados.

Para operacionalizar este trabalho, ocupamo-nos de dois movimentos centrais: o movimento de coleta das entrevistas, sustentado pela História Oral (THOMPSON, 1992; GARNICA, 2003; PORTELLI, 2016) e o movimento de análise das mesmas, ancorado na técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), tendo como eixo da narrativa historiográfica a conquista máxima da Banda: o Tricampeonato de Bandas Estaduais, no ano de 1970.

Recordação cara para todos os entrevistados, o tricampeonato é o ápice de uma história que começa alguns anos antes e que tem figuras marcantes como protagonistas. A partir do cotejamento das entrevistas com outros documentos históricos consultados, nos foi possível escrever essa narrativa. Considerando o recorte temporal feito na elaboração da pesquisa (décadas de 60 e 70) e, também, por esta ser uma pesquisa em que a música ocupa o centro, valemo-nos dos nomes de conhecidas músicas da época para apresentar cada subseção.

2. DESENVOLVIMENTO - “MEU CARO AMIGO” - O PERCURSO METODOLÓGICO

Foram quatro os entrevistados⁸ que colaboraram para essa pesquisa, seguindo os preceitos discutidos pela História Oral para a coleta de dados. Utilizamos a História Oral (doravante HO) por ser uma metodologia capaz de produzir fontes que possibilitam elaborar e apresentar uma historiografia de um tempo passado, mas relativamente recente, nos dias atuais.

Garnica e Souza (2003) explicam que a História Oral é um tipo de metodologia de pesquisa que envolve a coleta de dados através de depoimentos de pessoas que fizeram parte de algum momento histórico que queremos analisar. Em comunhão a essas ideias, Portelli (2010, p.186) considera a HO “uma oportunidade para narradores relativamente obscuros serem canonizados no discurso público: um relato público realizado por pessoas que raramente têm a oportunidade de falar publicamente”. Outros estudos de Garnica (2004; 2015) e de Portelli (1997, 2016) ajudaram-nos a compreender a necessidade de ouvir atentamente o outro, isto é, aprender a considerar o discurso do sujeito como fonte histórica e a pensá-lo como unidades impregnadas de significados.

flâmulas etc.), no qual agora estão disponíveis as transcrições das entrevistas feitas para esta pesquisa, na forma de um livro.

⁸As entrevistas foram feitas segundo os procedimentos éticos exigidos pela área de pesquisas com História Oral, ou seja, deixando os entrevistados esclarecidos de sua participação (e eventual ruptura com a pesquisa, caso quisessem abandoná-la em algum momento) e pedindo-lhes que assinassem o termo de consentimento livre e esclarecido. Também, após a transcrição das entrevistas, eles tiveram acesso a elas e lhes foi dada liberdade para revisar ou editar trechos.



O local das entrevistas foi combinado com cada entrevistado, pois, como relata Thompson (1992, p.265), a entrevista “deve ser em um lugar em que o informante se sinta à vontade”. É importante ressaltar que todos os quatro entrevistados concordaram com a publicação integral de suas falas transcritas, associadas aos seus nomes. Portelli (1997) discorre sobre os protocolos básicos de ética com os quais o pesquisador deve ocupar-se:

[...] os historiadores orais têm a responsabilidade não só de obedecer a normas confiáveis, quando coligem informações, como também de respeitá-las, quando chegam a conclusões e fazem interpretações – correspondam ou não a seus desejos e expectativas. Como somos agentes ativos da história e participantes do processo de fazê-la, cabe-nos, por outro lado, situar a ética profissional e técnica no contexto de responsabilidades mais amplas, tanto individuais e civis como políticas. (PORTELLI, 1997, p.13).

Salientamos também a exploração do Acervo Permanente do IFSul para a seleção de material ligado à extinta Banda Marcial ETFPEL – fotos, recortes de jornal, relatórios institucionais etc. –, utilizando pressupostos da Pesquisa Documental. (BARROS, 2004; PINSKY; BACELLAR; GRESPAN, 2006; PINSKY; LUCA, 2017). Tais documentos auxiliaram tanto na escrita historiográfica a que nos propomos quanto foram utilizados, de maneira parcial, nas entrevistas, como materiais apresentados aos participantes para ajudá-los a revisitar suas memórias.

As fotografias encontradas no acervo, utilizadas a serviço da HO, ajudaram-nos a compreender melhor elementos do espaço do cotidiano e das práticas da cultura escolar, sobretudo aquelas vivenciadas no espaço da banda marcial. Concebemos que elas puderam nos auxiliar na interpretação de fatos, pessoas e costumes que, por várias vezes, não estavam presentes nos documentos escritos.

Para Dalcin (2012), tratando-se de uma pesquisa em território escolar, a fotografia traz ao pesquisador um passado a ser interpretado, até mesmo no diálogo que trava com os documentos escritos e depoimentos orais; isto pode resultar na ampliação dos horizontes das fontes a serem consideradas, trazendo novas possibilidades de pensar o território escolar e as práticas educativas produzidas historicamente e reunindo um inventário de informações. Neste sentido, as fotografias retomam um passado a ser interpretado e que nos interessa conhecer, pois “as imagens são uma forma importante de evidência histórica já que elas registram atos de testemunho ocular.” (BURKE, 2017, p.25).

Já no que tange à análise de dados, foi empregado a técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), processo que culminou na elaboração de categorias que emergiram do resultado das entrevistas, devido à incidência nas falas dos entrevistados, dialogando com o material coletado no Acervo Permanente – isto



quer dizer que as categorias foram constituídas *a posteriori* para darem corpo e destaque à construção da narrativa.

Segundo Bardin (1977), a análise de conteúdo representa um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visam a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo de mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção dessas mensagens. Sendo que “a Análise de Conteúdo se faz pela prática” (BARDIN, 1977, p.51) e não existem roteiros prontos, apenas algumas regras de base para guiar o percurso de análise, uma organização metodológica pré-estabelecida torna-se necessária para desenvolver a pesquisa baseada na Análise de Conteúdo, adaptada às intencionalidades da pesquisa. Considerando isso, a análise dos dados foi feita perpassando todas as suas fases, aqui descritas minimamente:

- *Pré-Análise*: é a seleção e organização do material com o qual se pretende trabalhar. Nesta parte se dá um primeiro contato do pesquisador com os documentos, a partir do qual ele traça estratégias e escolhe metodologias para dar conta do seu objeto de pesquisa. É também a fase em que se constroem hipóteses que serão ou não confirmadas ao final do estudo. Nesta pesquisa, essa etapa foi concretizada pela imersão dos pesquisadores no Acervo, pela seleção e estudo dos materiais ali encontrados e pela formulação de um roteiro balizador para a realização das entrevistas;
- *Exploração do Material*: diz respeito ao manuseio dos documentos em exercícios de interpretação, ressignificação ou produção dos resultados. Para esta pesquisa, a transcrição das entrevistas e as leituras atentas que lhe foram dirigidas são parte integrante desta etapa, pois foi a partir da constituição das fontes orais que tornou-se possível entrever outros elementos da historiografia da Banda que não se davam a notar nos documentos selecionados na pré-análise; e,
- *Tratamento dos Resultados, Inferências e Interpretações*: é fase que apresenta as interpretações dos pesquisadores, cujo objetivo maior é responder à questão de pesquisa. Através das análises feitas, emergiram duas categorias centrais para a escrita da historiografia da Banda: *A Existência da Banda* e *O Tricampeonato* (sendo esta segunda a que ganha destaque neste artigo). Ambas permitem ao leitor conhecer uma parte do passado desta agremiação musical e, por conseguinte, da ETFPEL.

2.1. “NÃO TE ESQUECEREI” – BREVE HISTÓRICO DA BANDA MARCIAL ETFPEL

Criada em 3 de setembro de 1963, a Banda, que foi bicampeã nacional (1987 e 1988) e hexacampeã estadual (1967, 1968, 1970, 1999, 2000 e 2001), chegou



a contar com 148 integrantes titulares em seu conjunto, em 1970. Seu intuito principal era o de difundir a musicalização de jovens estudantes da Escola Técnica Federal de Pelotas, que adentravam à agremiação com cerca de 13 anos de idade e, muitas vezes, saíam dela com 18, ou seja, havia a possibilidade de integrarem a banda por até cinco anos, tempo suficiente para dominarem o manuseio de um instrumento.

Pelo tempo e pelas experiências vividas na Banda, nossos entrevistados deixam transparecer um singular sentimento de pertencimento à Instituição, exclamando que sentem saudade e se orgulham de terem feito parte desta agremiação, como se pode ler no excerto a seguir, retirado da conversa com Moura⁹:

[...] me criei em um internato, no exército de salvação, que era lá nas Três Vendas¹⁰, aprendi alguma coisa de música com o Maestro Norberto Nogueira Soares, que foi maestro da Banda Democrata, uma banda centenária daqui de Pelotas. Em 62 eu, por dificuldade financeira, entrei pra ETP para ter uma formação profissional. Mas como eu já tinha algum conhecimento de música, foi bem fácil: já encaixei na banda e a Banda da Escola abriu tudo que foi horizonte para mim, me ajudou bastante. Basta ver que até serviço dentro da escola eu consegui, através da banda da escola. (MOURA, 2020, p.5).

Antes de 1962, a música na Escola Técnica se dava por meio da Banda de Fanfarras¹¹. A partir deste ano, tornou-se Banda Marcial¹², com o advento de Ildemar Capdeboscq Bonat ao cargo mais alto da hierarquia da Escola Técnica. O “Diretor Vaidoso”, como lembrado pelos entrevistados, idealizou uma Banda diferenciada, que tivesse uma grande estrutura, do nível do merecimento que atribuía à Escola, formada por mais ou menos 140 músicos. As palavras de Renck¹³ (2020, p.28) deixam claro que o diretor queria elevar a Banda existente a outros patamares, tanto estéticos quanto de qualidade musical.

Ele queria uma banda com uniforme bonito. Uma banda com bandeiras de veludo. Uma banda com musicalidade. E ele deu o passo mais certo do mundo [...] ele pensou em contratar - eu não sei qual foi o critério

⁹ MOURA, Flávio: Estudou na escola de 1962 a 1970, cursando Mecânica Industrial. Foi membro de naipe de Sopro da Banda Marcial durante todo este período. Atualmente é aposentado. Trilhou sua carreira profissional como Técnico de Segurança do Trabalho, concomitantemente à vida de músico profissional, passando por diversos Conjuntos Musicais de Pelotas e região. A entrevista foi concedida em sua residência.

¹⁰ Bairro da cidade de Pelotas, que existe até hoje.

¹¹ Banda de percussão, com mais ou menos 50 integrantes, que tinha por objetivo cadenciar o desfile dos estudantes nas datas cívicas, tal qual a Semana da Pátria, o Dia do Estudante, dentre outras.

¹² Banda instrumental que geralmente apresenta-se ao ar livre e agrega movimentos corporais - geralmente algum tipo de marcha - à sua apresentação musical. Este tipo de grupo geralmente utiliza duas classes de instrumentos musicais: os metais (sopros) e a percussão.

¹³ RENCK, Gilfredo Rodrigues: Frequentou a escola de 1960 a 2016, primeiro como aluno de Eletrotécnica e depois como professor do mesmo curso. Foi membro da Guarda de Honra da Escola Técnica. Fazia parte dos desfiles da Banda Marcial carregando as bandeiras. Mais tarde, fez parte do Conselho Promotor dos Possantes. Atualmente é aposentado e dedica seu tempo livre a escrever livros de poesia. A entrevista foi concedida no IFSul - Câmpus Pelotas.



que ele usou - um militar pra cuidar dessa banda. E eu não sei por que cargas d'água, o que levou que fosse um militar da Marinha. Porque a Marinha tem a famosa Banda dos Fuzileiros Navais. E ele era fuzileiro naval. Eu não me lembro se ele era tenente, se ele era sargento. Matoso. Tu já deve ter ouvido falar.

Para adquirir o instrumental da Banda, que custava caro, Bonat foi a Brasília, onde conseguiu, após diversas reuniões, verba suficiente para a implantação da Banda Marcial. Em pouco tempo, a ETFPEL possuía sob seu patrimônio sax, sax soprano, saxofone, escaleta, clarinete, flautin e pífaro, não obstante os outros instrumentos de percussão que a instituição já detinha.

Depois de montada a estrutura física, a escola necessitava de alguém para ensinar música marcial aos alunos, na condição de professor, maestro e ensaiador. Cunha¹⁴ (2020) conta-nos que este foi o principal motivo da contratação do Tenente do Exército Azamar Pinto. Com o suporte do professor Olivério Villas Boas, que além de professor de Artes Industriais da instituição passou também a ser o coordenador da Banda, estava montado o corpo diretivo da Banda Marcial ETFPEL. Azamar Pinto e Villas Boas foram citados em todas as entrevistas como sendo expoentes em aprendizado e liderança dentro da agremiação Etepeana.

Músico profissional de longa data, Azamar Pinto possuía vasta experiência no cenário da música marcial da zona sul do estado do Rio Grande do Sul. “Ele foi mestre de bandas em Porto Alegre, Banda Militar [...] ele era contratado só como professor de música. Era exclusivo da Banda.” (REZENDE, 2020, p.18). Este entrevistado reforça que o professor estava sempre disponível aos membros da Banda que quisessem aprender e praticar, no auditório da instituição, diariamente. Tais reuniões Moura (2020, p.6) declara que eram constantes, pois afirma: “o pessoal vivia na sala da Banda, porque o mestre estava todos os dias lá.”

Sobre a forma como se dava o aprendizado no ambiente da Banda, Cunha (2020) expõe: “Ele escrevia aqueles dobrados, escrevia a música e botava os números dos pistos¹⁵ na nota. Pegava a flauta dele e íamos lá pra Sala de Honra, lá no fundo.” (CUNHA, 2020, p.10). Nitidamente, o professor Azamar Pinto utilizava-se de uma didática simplificativa, uma vez que seu público alvo, muitas vezes, beirava os 13 anos de idade. Os números colados nos pistos dos instrumentos de sopro visavam a um ensino mais imediato, que não intencionava fazer com que os jovens aprendessem a ler em partitura musical,

¹⁴ CUNHA, Antônio Renato: Estudou na escola de 1969 a 1979, cursando Eletrotécnica. Foi membro de naipe de sopro da Banda Marcial durante todo este período. Atualmente é Empresário do ramo de segurança patrimonial na cidade de Pelotas. A entrevista foi concedida em sua empresa.

¹⁵ O pisto é uma espécie de válvula linear que libera ou restringe a passagem do ar por um determinado trecho de tubo de um instrumento de sopro, fazendo com que o comprimento total do instrumento aumente, deixando o som mais grave, ou diminua, deixando o som mais agudo.



antes que pudessem experimentar seus instrumentos. Desta forma, o processo era desmistificado.

A Olivério Villas Boas os integrantes ainda se referem como o “Eterno Presidente da Banda”. Para Renck (2020), ele é “o nome número 1, quando se fala em Banda da Escola”. Outro entrevistado, Rezende¹⁶ (2020, p.15) diz que ele “era o Coordenador da Banda [...] Ele cuidava, trocava peles de bumbos [...] quando furava ele providenciava a troca.” Esta é uma das falas que nos permitiram compreender que Villas Boas era um coordenador ativo, que não só dava ordens como cuidava pessoalmente de diversos detalhes para o bom funcionamento da Banda.

Cunha (2020) ressalta a importância de Olivério para o melhor andamento da Banda Marcial ETFPEL quem, com sua personalidade forte e temperamento explosivo, dedicava-se quase em tempo integral, sempre à disposição do que a agremiação pesquisada necessitasse:

[...] tinha o suporte do Olivério [...] nós ensaiávamos embaixo e ele ficava lá em cima, cuidando [...] ensaiando, cara [...] o cara olhava pro lado, ele descia correndo e te tirava o instrumento, o uniforme e te dizia “tu não entra mais”. E “deu pra bola”, era assim que funcionava, pois tinha 50 elementos de reserva [...] ele que tomava conta de tudo: dos instrumentos, dos uniformes [...] ele tinha uma carga na banda. O maestro só cuidava das músicas [...] ele era o coordenador geral da Banda. (CUNHA, 2020, p.9).

Quanto à periodicidade dos ensaios, eram “quase diários. Qualquer folguinha, tinha ensaio da Banda. Domingos pela manhã, à noite – tanto dentro do auditório como nas ruas também.” (REZENDE, 2020, p.14). O entrevistado prossegue relatando que “a partir de março os ensaios começavam e até nas férias tinham. No meio de ano, tinham marcado Ensaios Gerais. E o comparecimento era grande”. Moura (2020), falando acerca dos ensaios, conta que “quando se aproximava a Semana da Pátria, realmente se intensificava mais. Ensaio geral eram 2 por semana. Mas o pessoal vivia na sala da Banda, porque o Mestre estava todos os dias lá.” (MOURA, 2020, p.6).

A identidade visual dos Possantes foi bastante citada nas entrevistas, fruto das recordações dos integrantes acerca das vestimentas típicas, pelotões de coreografias estilizadas, das mascotes e logotipos criados etc. A Banda da Escola era apelidada de Papo Branco, devido ao seu uniforme, que era em azul, com um grande detalhe branco ao peito. Estes uniformes eram todos feitos na Escola e presenteados aos alunos que da Banda faziam parte. Havia um alfaiate contratado pela direção que tinha a incumbência de produzir e zelar

¹⁶ REZENDE, Moisés Vasconcellos de: Estudou na escola de 1965 a 1975, cursando Eletrotécnica. Foi membro de naipe de sopro da Banda Marcial durante todo este período. Atualmente é Empresário do ramo de construção na cidade de Pelotas. A entrevista foi concedida no IFSul – Câmpus Pelotas.



por essas vestimentas, que atendia pelo nome de Teclo Morales. Confome Moura (2020, p.5):

A banda tinha um carisma muito grande [...] a gente quando saía dos ensaios, saía da escola e era uma verdadeira multidão atrás [...] a gente ia até o Porto¹⁷ e voltava, tocando pra firmar a cadência, pra firmar a embocadura, o instrumento de percussão.

Quanto ao repertório, Rezende (2020) afirma que a música carro-chefe da Banda ETFPEL era, durante as duas décadas (60 e 70), um dobrado em homenagem ao professor Gabriel Castro da Mota. Havia outros dobrados, de autoria do professor Azamar Pinto, que eram bastante executados. No mais, predominavam os dobrados militares, complementados com algumas canções populares.

Segundo os relatos, as coreografias da Banda Marcial também eram ensaiadas com muita dedicação. Renck (2020) conta que, em determinado momento das apresentações, o Mór¹⁸ acendia uma luz ao alto e a Banda fazia uma *Espiral de Arquimedes*, sinal para que os músicos marchassem em uma espécie de cata-vento que, em seguida, desmanchava-se e formava correntes. Segundo o entrevistado, o visual era deslumbrante, com mais de 140 integrantes em sincronia.

Muitos estudantes da Escola Técnica queriam pertencer à Banda, desejavam aprender um instrumento. Prova disso eram os mais de 50 reservas, que esperavam a oportunidade de poder atuar nas apresentações oficiais. Segundo Rezende (2020, p.16), “os caras ficavam louco que o *Fulano* desistisse da Banda que a vaga era dele. Tinha uma lista de espera. Eles ensaiavam e tudo, no auditório, [...] e ficavam aguardando uma oportunidade de entrar na Banda.”

Quanto ao comportamento dos membros da Banda, a disciplina e o amor à pátria eram difundidos reiteradamente como preceitos inquestionáveis para pertencer ao grupo. Os entrevistados relatam sobre a importância da Ordem Unida¹⁹, a postura ao marchar, o alinhamento do uniforme, a firmeza em movimentar-se, o físico em dia: todos estes princípios de orgulho, garbo e virilidade eram propagandeados dentro do espaço da Banda Marcial. Afinal, de acordo com o que defende um dos entrevistados, “o rigor, a rigidez, é o que te dá a condição, te dá o desenvolvimento.” (CUNHA, 2020, p.11).

Além do ensino atinente à música, a Banda ETFPEL mostrou-se também como sendo um espaço de inclusão social em que, através do aprendizado a que

¹⁷ Bairro de Pelotas, que existe até hoje, a aproximadamente 2,4 km de distância da antiga Escola Técnica.

¹⁸ O Mór é o líder de uma banda marcial, aquele que dá os comandos ao grupo. Nos desfiles, geralmente fica posicionado à frente da banda. É o membro do conjunto que faz a ligação entre o maestro da banda e os seus integrantes.

¹⁹ Nome dado ao conjunto harmonioso, cadenciado e equilibrado dos movimentos de marcha, muito utilizado em bandas marciais.



seus integrantes estavam expostos, proporcionava um pouco de turismo àqueles alunos mais pobres, que eram a grande maioria dos componentes do grupo. Pertencer à Banda permitia que conhecessem diversos lugares a que, talvez, jamais tivessem a oportunidade de visitar.

As entrevistas feitas, que em sua totalidade geraram 3 horas e meia de conversa e 30 páginas de transcrição, permitem saber que os membros da extinta Banda dos Possantes ainda guardam fotografias das apresentações e dos bastidores da época, promovem encontros anuais dos ex-integrantes e fazem parte de grupos “exclusivos” em redes sociais como o Facebook e WhatsApp, nos quais trocam materiais e relatos sobre as experiências vividas. Os entrevistados afirmam que tais atos de contínua lembrança e contato com o passado buscam remontar o cenário de suas juventudes e manter fortes os laços de amizade que construíram entre si.

Das entrevistas, conforme dito anteriormente, emergiram muitos outros assuntos, mas o fazer da pesquisa requer uma delimitação. Uma das regras autoimpostas neste processo foi se ater àquilo que era mais recorrente nas falas, seja por igualdade, contraposição ou por proximidade. O tema “tricampeonato”, abordado a seguir, perpassou todas as falas e, por isso, tornou-se uma das categorias narrativas da história da Banda. A seguir, da mescla das entrevistas com outros discursos e fontes, apresentamos ao leitor uma historiografia possível dos Possantes e desta conquista.

2.2. “POR ENTRE FOTOS E NOMES, OS OLHOS CHEIOS DE CORES” – A CONQUISTA DO TRICAMPEONATO ESTADUAL

Com lugar cativo nas lembranças dos entrevistados, o Tricampeonato Estadual de Bandas Marciais, conquistado pela ETFPEL, destaca-se com unanimidade quando o assunto é a agremiação musical Etepeana. Na concepção de Renck (2020), este foi o maior feito da história desta agremiação e o motivo de maior orgulho para seus integrantes e dirigentes.

O feito aconteceu no ano de 1970, na capital do estado, Porto Alegre. A Banda vinha de duas vitórias neste certame, em 1967 e 1968. Os entrevistados afirmam que o musical estava afiado e, a ordem unida, em grande harmonia. A declaração de que “existia um comprometimento. Ninguém era obrigado” (CUNHA, 2020, p.10) ajuda-nos a vislumbrar a união e dedicação dos integrantes da Banda, pontos considerados como indispensáveis para o resultado alcançado.

A Seleção Brasileira de Futebol acabara de sagrar-se tricampeã mundial na Copa do México. Neste cenário, a evolução montada para a entrada da Banda era justamente o tema da conquista da seleção: O Tricampeonato. A música executada pelos Possantes era *Prá Frente, Brasil*, canção símbolo da vitória canarinho na Copa.



Prá Frente Brasil: “parararãrara-pam-parã-pam”. O que que nós fizemos, imagina, com 148 elementos, fizemos a evolução com o formato da taça, entendeu?! Tinha uma marcação, de Tarol. Tinha um rapaz que fazia todas as marcações da Banda só com o Tarol. Aí tocávamos os dobrados, a sequência especial que tinha pra passar na frente da comissão, que tinha uma cadência definida pra aquilo dali [...] e a Banda, os primeiros que entravam, já começavam a formar, cara. Quando entravam, a taça era formada. Tu olhava de cima, tu via a taça. (CUNHA, 2020, p.10).

Eram 148 Etepeanos adentrando a Avenida Borges de Medeiros, tradicional via da capital gaúcha, que tinham 20 minutos para mostrar por que deveriam ser considerados a melhor Banda Marcial do estado. O desfile começou com uma evolução sistemática e crescente, utilizando-se apenas da ordem unida, tarol e bumbo.

Era o Flávio [...] o bumbo batendo lento e mais um tarol, que era o Jorge Neto. Então eles faziam aquela marcação. E o resto todo da banda fazendo parada, sentido, direita, esquerda, ta [...] só com o tarol e o bumbo [...] andava mais ou menos [...] uns cinquenta metros. O pessoal ficava abobado. (REZENDE, 2020, p.19).

Tudo isso acontecia antes que a música aclamada pelo povo – *Prá Frente, Brasil* – fosse executada pela Banda Marcial, enquanto seus integrantes formavam o cobiçado troféu, em coreografia.

Figura 2 – Desfile da Vitória do Tricampeonato Estadual – Pelotas 08/11/1970.



Fonte: Arquivo Permanente IFSul.



A fotografia acima não é do desfile do tricampeonato, mas do “desfile da vitória”, feito na estreita rua XV de Novembro, no centro de Pelotas, quando a Banda voltou para sua cidade. Nela podemos notar o alinhamento da Banda Marcial, que sempre devia ser impecável, conforme nos conta o entrevistado: “o alinhamento, isso aí era cuidado. Tu tinha que cuidar aqui e do lado. Sempre te cuidando, pra ficar super alinhadinho.” (REZENDE, 2020, p.20).

Todos os entrevistados concordam que o tricampeonato foi o maior momento da história da Banda Marcial ETFPEL. Contudo, para narrar este que foi o auge da trajetória desta agremiação, sobretudo devido ao fato de a vitória ter ocorrido sobre sua maior rival – a Banda do Colégio Gonzaga²⁰ –, é preciso voltar no tempo.

As décadas de 60 e 70 foram de acirradas disputas entre as bandas da ETFPEL e do Gonzaga. Vale ressaltar que a Banda da ETFPEL foi fundada em 1962, “à sombra” da maior rival, que era uma oponente já bastante conhecida na cidade, a qual pretendiam superar – a conquista do tricampeonato é o auge desta rivalidade musical.

Os ex-membros da Banda Marcial ETFPEL acreditam que esta contenda colaborou muito para o desenvolvimento rápido dos Possantes, no tocante a ações desenvolvidas com seriedade e persistência, nos ensaios, para superar a banda rival. A rivalidade entre os Galinhas Gordas e os Possantes estimulou a direção da ETFPEL a buscar uma maneira de suplantar os antagonistas Gonzagueanos. É aí que precisamos acrescentar a esta narrativa um acontecimento singular: a vinda do Sargento Matoso, apontado como o grande responsável pela conquista deste título. Seu trabalho na Banda, que possibilitou a conquista do tricampeonato em 1970, conforme os entrevistados, começou três anos antes, em 1967.

Vindo de longe, mais precisamente do Rio de Janeiro, Sargento Matoso era fuzileiro naval e tinha larga experiência em Bandas Marciais. O oficial, que migrou para Pelotas, tinha a missão de ensinar evoluções e instruções marciais, o que resultou num salto de qualidade para os Possantes, à época com mais de 120 integrantes cuja liderança cabia ao Mór Roraí Martins. (REZENDE, 2020).

Em pouco mais de seis meses, morando dentro da própria ETFPEL, na torre do relógio, Matoso promoveu a educação musical de forma intensiva aos músicos, utilizando-se de ensaios quase diários, alcançando um desenvolvimento fantástico. (REZENDE, 2020). “A Escola montou ali um apartamento pra ele. Refrigerador, fogão, cama, livros. Toda uma estrutura. Telefone. E ele passou a

²⁰ Escola tradicional situada no centro histórico da cidade de Pelotas, inaugurada em 1895, existente até os dias atuais. Os alunos deste educandário eram conhecidos como “Galinhas Gordas” (um duplo G para o nome oficial do, à época, Ginásio Gonzaga), motivo pelo qual os integrantes da banda gonzagueana aparecem, por vezes, assim referidos neste artigo.



viver dentro da escola, conversando com professores, conversando com alunos, indo nas aulas de educação física.” (RENCK, 2020, p.28).

Os entrevistados concordam que a vinda do Sargento Matoso foi muito importante para o desenvolvimento da Banda Marcial ETFPEL, como um “divisor de águas”. Este período em que o militar esteve na escola foi de muito trabalho:

No ano de 67, estávamos a fim de melhorar, de fazer uma coisa mais assim, de impacto. Então, a Escola trouxe um Sargento dos Fuzileiros Navais, chama Sargento Matoso, que deu bastantes instruções marciais que ele trouxe lá dos Fuzileiros Navais, né?! [...] então ele conduzia [...] a educação musical ele trouxe aqui pra dentro e a Banda deu um salto de qualidade fantástico. A partir daí começaram as conquistas. Em 67 foi o primeiro título estadual. Então, a Banda era uma atração... aquelas evoluções que se fazia, que ele trouxe lá do Rio de Janeiro pra nós, foi de grande utilidade e todo mundo parava pra ver a Banda da Escola. (REZENDE, 2020, p.14).

Renck (2020) relata o esforço que a ETFPEL fez para trazer o oficial carioca, explanando também a seriedade e a disciplina que ele incorporou à Banda, promovendo a cultura marcial ao começar a estruturar a nova agremiação:

Ele passou a viver dentro da escola, conversando com professores, conversando com alunos, indo nas aulas de educação física. E começou a montar a banda. Tanto é verdade, que o uniforme da banda era uma cópia fidedigna da Banda dos Fuzileiros Navais. E ele incorporou nessa banda o espírito de militar. Marchar com garbo, sem aquele negócio de ‘abanar pra guriazinha na calçada. (RENCK, 2020, p.28).

Segundo Rezende (2020), a contratação de Matoso, disponível em tempo integral em um curto período no educandário, marca o começo de uma trajetória que conduziu os Possantes a inúmeras conquistas.

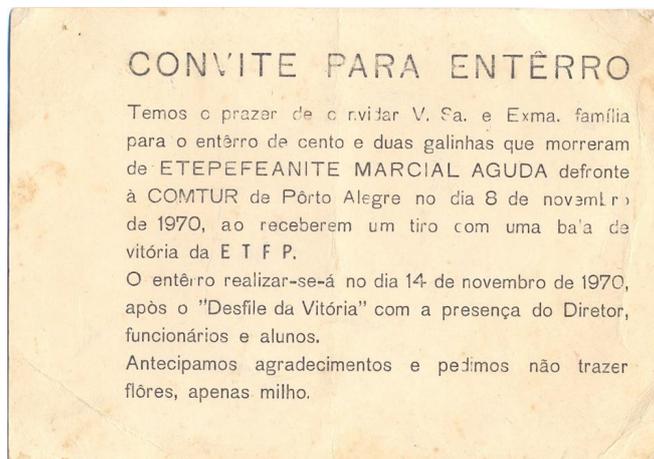
Cunha (2020) reforça que o investimento foi profícuo e lembra que, ao final do mesmo ano, em 1967, a ETFPEL sagrou-se campeã estadual pela primeira vez em sua história. A apresentação que rendeu o título tinha como destaque uma coreografia marcial denominada *Evolução do Matoso*, executada por 148 elementos, em Porto Alegre.

Assim, o momento da reviravolta chegou, conforme afirmam com orgulho os entrevistados: o tricampeonato de 1970 foi um grande marco para os *Possantes* e a taça representou, também, a “queda” da banda arqui-inimiga. A concorrência entre as duas agremiações movimentava a rivalidade não só dos músicos participantes, mas também de toda a comunidade escolar. A zombaria fazia parte da competição, divertia e aumentava ainda mais o antagonismo entre os membros e os simpatizantes de uma ou outra escola. Como os tradicionais times de futebol da cidade – o Grupo Esportivo Brasil e o Esporte Clube Pelotas –, as bandas tinham seus torcedores. A imagem a seguir, é um



exemplo das brincadeiras que circulavam nos corredores da ETFPEL e foi resgatada do Acervo Institucional.

Figura 3 – Provocação para com o principal rival.



Fonte: Acervo IFSul.

Rezende (2020) explana todo o sentimento de quem viveu nestes dias, rememorando o feito de 1970. Em suas palavras, o antagonismo que impulsionava ambas agremiações a darem o melhor de si era saudável e estimulante:

Gonzaga e Escola Técnica eram os expoentes. Tinha um Mór, muito fanfarrão, do Colégio Gonzaga: o Chuteca. Então, o argumento que ele usou para justificar a perda do título para nós foi “os grandes também caem”. Os Galinhas Gordas eram o principal rival da Escola Técnica [...] em termos de banda, sim. Sempre foi. Inclusive, o nosso primeiro título em Porto Alegre, eu lembro que a gente estava no Largo do Mercado²¹, íamos fazer o desfile da vitória e vieram os membros do Gonzaga, entraram correndo no meio da Banda, nos abraçando, nos parabenizando pelo título. Uma atitude muito bacana. Isso foi em 67. A rivalidade era muito sadia, era boa. Eles saíam, jogavam ovos na gente [...] bobagem de guri. (REZENDE, 2020, p.15).

3. “DEPOIS QUE A BANDA PASSOU” - ALGUMAS CONCLUSÕES

A realização das entrevistas, pautadas na metodologia da História Oral, possibilitou-nos conhecer histórias vivenciadas no interior da Banda, às quais não teríamos tido acesso se tivéssemos limitado a pesquisa à consulta de documentos guardados no Acervo Permanente da Instituição. A partir delas, foi possível construir uma historiografia da Banda Marcial ETFPEL que considerasse – e valorizasse – as experiências pessoais de seus ex-integrantes, que vivenciaram este ambiente e construíram seus pontos de vista sobre a trajetória da Banda e, conseqüentemente, da Escola Técnica.

²¹ Mercado Público de Pelotas, o qual ainda existe, no centro da cidade, próximo à Prefeitura Municipal.



Esta pesquisa fez com que mudássemos um pouco a percepção com relação à Banda ETFPEL, que pensávamos ser meramente um espaço de aprendizagem musical, mas que agora percebemos também como um espaço de construção de laços de uma amizade que perdura até os dias atuais. As recordações e as vivências partilhadas pelos integrantes da Banda parecem ser um agregador que os manteve em contato até hoje, mesmo tendo se passado mais de cinquenta anos.

Todos os nossos entrevistados mostraram-se saudosos e – não poucas vezes – emocionaram-se durante as entrevistas. Pela potência emotiva de suas narrativas, pensamos se seria possível estender essa reação a todos – ou à maior parte – dos alunos que, à época, tomaram parte da Banda.

Uma das falas carregadas de emoção vem de Renck (2020, p.35), quando declara: “A banda criou esses atributos: o amor à escola.” Este entrevistado é ex-integrante da Banda, ex-aluno, professor aposentado há cinco anos do quadro de servidores, mas não abre mão da rotina de estar na instituição, hábito de mais de 56 anos pertencendo ao educandário. Assim como ele, os demais entrevistados contaram-nos sobre as marcas que a Banda deixou em suas vidas e os vínculos irrompíveis com a ETFPEL.

Para os entrevistados, a história da Banda mistura-se com suas próprias trajetórias pessoais. Entender a relação destes (agora) senhores com a Banda, com a música e com a instituição ETFPEL possibilitou-nos descortinar uma parte da história da instituição que ficava, até então, relegada ao Acervo Permanente. Nele, objetos de recordação (como uniformes, recortes de jornal, fotos etc.) contavam uma história estática e “fria”, desprovida das emoções que as entrevistas trouxeram à tona e que, agora disponibilizadas, deixam resquícios à mão daqueles que não vivenciaram este período, mas podem ter interesse na história da instituição ou em temas atinentes ao ensino de música na cidade de Pelotas.

A questão de pesquisa – Como as recordações dos ex-membros da Banda Marcial ETFPEL podem nos ajudar a conhecê-la melhor e a escrever uma narrativa sobre ela? – foi respondida como um dobrado da Banda: diferentes fontes pesquisadas são, metaforicamente, os distintos instrumentos tocados que, conjuntamente, dão o tom e a cadência da historiografia aqui apresentada: ensaios, uniformes, instrumentos, recordações, vivências, amizades foram colocados em harmonia, pelo exercício da pesquisa, para se construir uma narrativa dos Possantes.

Esta narrativa, na qual as recordações dos ex-integrantes têm papel central, contribuiu, portanto, para a escrita de uma historiografia mais ampla, sempre em processo e em diálogo com outras pesquisas já feitas – ou que virão a ser feitas – sobre esta instituição septuagenária que é referência na cidade de Pelotas.



4. REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARROS, J. D. **O campo da história**: especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BURKE, P. **Testemunha ocular**: o uso de imagens como evidência histórica. São Paulo: Unesp, 2017.
- CUNHA, A. R. Entrevista. In: VELASCO, Rafael; MONTOITO, Rafael. **Entrevistas – Recordações em Pauta: Uma Narrativa sobre a Banda Marcial da Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPEL) entre as Décadas de 60 e 70**. Pelotas: 2019.
- DALCIN, A. Fotografia com fonte de pesquisas em História da Educação Matemática. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA – ENAPHEM, 1., Vitória da Conquista, 2012. **Anais...** Vitória da Conquista: UESB, 2012.
- GARNICA, A. V. M. História Oral em Educação Matemática: um panorama sobre pressupostos e exercícios de pesquisa. **História Oral**, v.18, n.2, p.35-53, 2015.
- GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática. In: BORBA, M. (Org.). **Pesquisa qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- GARNICA, A. V. M.; SOUZA, L. A. História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regularização. **Zetetiké**, v.11, n.1, p.9-56, 2003.
- MOURA, F. Entrevista. In: VELASCO, Rafael; MONTOITO, Rafael. **Entrevistas – recordações em pauta: uma narrativa sobre a Banda Marcial da Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPEL) entre as décadas de 60 e 70**. Pelotas: 2019.
- PINSKY, C. B.; BACELLAR, C.; GRESPAN, J. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.
- PINSKY, C. B.; LUCA, T. R. de. (Org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2017.
- PORTELLI, A. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- PORTELLI, A. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre ética na história oral. **Projeto História**, v.15, 1997.
- RENCK, G. R. Entrevista. In: VELASCO, Rafael; MONTOITO, Rafael. **Entrevistas – Recordações em pauta: uma narrativa sobre a Banda Marcial da Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPEL) entre as Décadas de 60 e 70**. Pelotas: 2019.

Submetido em: **05/11/2020**

Aceito em: **14/05/2021**